



ALÍVIO OU PRISÃO?

Acordo todos os dias às seis da manhã. O despertador toca com seu som irritante e previsível; quase por reflexo, minha mão se estende para silenciá-lo. Levanto-me, vou ao banheiro, escovo os dentes, tomo um banho rápido e preparo meu café da manhã. A rotina é sempre a mesma: pão com manteiga e suco de laranja. Saio de casa às sete e meia, pego o mesmo ônibus e encontro as mesmas caras sonolentas e desanimadas.

No trabalho, minha mesa me espera com uma pilha de papéis e e-mails não lidos. As reuniões, as tarefas e os prazos se sucedem, todos previsíveis. O almoço é sempre no mesmo restaurante; o cardápio raramente muda. Às seis da tarde, deixo o escritório e volto para casa. O trajeto de volta é uma repetição do caminho da manhã, apenas com um pôr do sol ao fundo.

Essa rotina confortável e conhecida é, ao mesmo tempo, um alívio e uma prisão. Acomodar-se em hábitos seguros e previsíveis nos poupa do desgaste de tomar decisões constantes, mas também nos priva da novidade, da surpresa e, muitas vezes, do crescimento pessoal. Acomodamo-nos porque é mais fácil, mais seguro.

Mas, em meio a essa acomodação, não percebemos a alienação crescente. Deixamos de questionar, de explorar e de buscar o novo. A vida passa a ser um ciclo interminável de repetição, onde os dias se confundem e as semanas voam sem deixar marcas.

Talvez seja hora de acordar de verdade, não apenas para desligar o despertador. Acordar para a vida, para as possibilidades, para os desafios que nos aguardam fora da rotina. Afinal, viver plenamente é muito mais do que apenas existir.

Rebecca Marochides

2º ano / Itapema

2024